

4 O que dizem as estatísticas?

Na década de 1990, emergem novas formas de gestão e financiamento da educação, buscando a racionalização dos recursos através da regulação dos sistemas (Oliveira, 2005). Neste período, são implantados o PDDE (Programa Dinheiro Direto Na Escola), o Fundef (Fundo De Desenvolvimento Do Ensino Fundamental), que estimulou a municipalização e a ênfase no ensino fundamental, a nova LDB n°9394/96 (Lei De Diretrizes e Bases Da Educação) e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) que organizavam o ensino fundamental em ciclos, incentivando a adoção desta política pelos estados e municípios, a fim de insistir na correção do fluxo, visando a diminuição das reprovações em massa.

É, neste período, também, que o sistema de avaliação nacional se aprimora, sendo amplamente aplicado, através do Saeb (sistema de avaliação da educação básica), que buscava a comparação dos resultados ao longo do tempo, para medir as conseqüências das políticas educacionais sobre o desempenho dos alunos. Isto se deu, principalmente, por influência da lei n°9394 (1996) ao instituir que:

“Art. 9º. A União incumbir-se-á de:

VI - assegurar processo nacional de avaliação do rendimento escolar no ensino fundamental, médio e superior, em colaboração com os sistemas de ensino, objetivando a definição de prioridades e a melhoria da qualidade do ensino”.

Entretanto, apesar do aumento nos índices de acesso ao ensino fundamental neste período, o Saeb evidenciou a ineficácia das políticas adotadas na garantia da melhoria da qualidade do ensino no país (Franco et al., 2007; Dourado, 2007a).

Além disso, os dados das avaliações de larga escala sobre o desempenho da educação básica no Brasil levaram diversos pesquisadores a estudarem o problema da falta de qualidade da educação brasileira, sinalizando a necessidade da integração dos temas da qualidade e do fluxo (Fernandes, 2004; Franco, et al., 2002; Alves, 2007). Segundo estes estudos, mesmo com a melhoria do fluxo atribuída as políticas de ciclos, a partir dos anos de 1990,

sérios problemas, ainda, persistem e afetam diretamente os indicadores de qualidade. Foi este debate que, em 2007, contribuiu para a criação de um novo indicador de desempenho escolar, o Ideb (índice de desenvolvimento da educação básica), que procura articular fluxo e desempenho escolar.

4.1.

O Ideb- ponto de partida

O Ideb é um indicador de qualidade educacional que combina informações de desempenho dos alunos na Prova Brasil com informações sobre o rendimento escolar, medido pelos índices de aprovação obtidos através do censo escolar. A concepção básica de qualidade de ensino, deste indicador é de que “o aluno aprenda e passe de ano” (Franco et all, 2007). Assim, teríamos um sistema de ensino ideal, no qual as crianças têm acesso, não apresentam distorção idade-série devido as sucessivas reprovações, não abandonam a escola e ao final aprendem.

Uma das vantagens do Ideb é a forma sintética e simplificada como apresenta os dados, se utilizando de uma escala de 0 a 10, que facilita a compreensão. Para isso, é realizada uma série de conversões das notas através da seguinte equação:

$$\text{Ideb} = (1/T) \cdot \text{nota}$$

No qual: $1/T$ representa o rendimento escolar, medido pelo inverso do tempo médio de conclusão de uma série. Um exemplo, para uma escola A cuja média padronizada da Prova Brasil, 4ª série, é 5,0 e o tempo médio de conclusão de cada série é de dois anos, a escola terá o Ideb igual a 5,0 multiplicado por $1/2$, ou seja, $\text{Ideb}=2,5$. Assim, quanto maior a reprovação e o abandono, maior será $1/T$ e o índice da unidade terá valores menores (Fernandes, 2007).

Os valores de rendimento escolar, de $1/T$ sempre serão menores do que 1 e calculados pela média do fluxo escolar das séries que compõe cada segmento de ensino. Portanto, o cálculo do Ideb da 4ª série são com base no fluxo da 1ª a 4ª série, e do Ideb de 8ª série com base no fluxo da 5ª a 8ª série (6º ao 9ºano). A nota é a média da Prova Brasil para a rede de ensino e/ou escola, transformada de modo a ser expressa por valores entre 0 e 10, separados as notas da 4ª série e da 8ª série. Os índices do Ideb são divulgados

para o primeiro e para o segundo segmento de ensino fundamental, separadamente.

Outra característica deste indicador é de que os dados são calculados e divulgados por cada unidade escolar, permitindo estudos mais individualizados. A criação do Ideb permitiu que se fossem traçadas metas e submetas para a educação até 2021, definidas pelo PDE¹⁷ (Plano De Desenvolvimento Da Educação) favorecendo acompanhar a evolução temporal do desenvolvimento dos alunos das escolas e/ou redes de ensino. Cada escola e cada rede de ensino são apresentadas a esta metas, incentivadas a traçar seus planos de ação e receberem recursos para sua execução.

4.2. A escola Darwin- ponto de chegada

Esta pesquisa não pretende iniciar um debate sobre as limitações ou vantagens das avaliações de larga escola, nem das concepções políticas que possam vir a norteá-las. O objetivo é utilizar os dados como ferramentas para se entender o que ocorre no dia a dia da escola, em sua singularidade e especificidade. Como afirmam os pesquisadores Franco, Bonamino & Alves:

“Ainda que a avaliação nacional tenha importantes limitações para a investigação de efeitos causais, é inegável que os dados da avaliação em larga escala oferecem oportunidade ainda ímpar para que se investiguem empiricamente as conseqüências de políticas e práticas educacionais” (2007).

Na trajetória desta pesquisa foi evidenciado que o grande diferencial da escola Darwin foi à evolução nos índices do Ideb de 2005 e 2007, em relação ao segundo segmento do ensino fundamental. Os gráficos, a seguir, comparam os dados do Ideb da escola Darwin com os de outras três escolas próximas (escolas X, Y, Z), além dos índices do Brasil e do município João de Deus, onde se localiza.

¹⁷ PDE-Programa de Desenvolvimento da Educação, criado em 2007, que tem por objetivo fortalecer a autonomia da gestão escolar a partir de um diagnóstico dos desafios de cada escola e da definição de um plano para a melhoria dos resultados, com foco na aprendizagem dos alunos. O plano de cada escola – feito pela própria equipe – deve indicar as metas a ser atingido para aumentar os indicadores educacionais, o prazo para o cumprimento dessas metas e os recursos necessários.

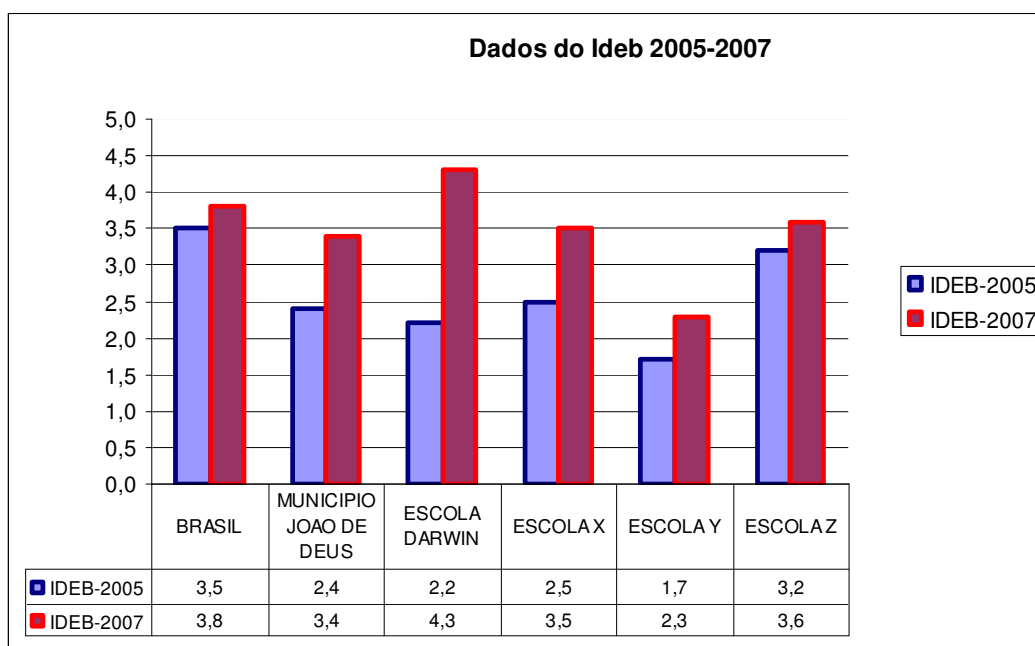


Gráfico 1 Índices do Ideb do segundo segmento do Ensino Fundamental (IDEB, 2007)

Fica evidenciado, pelo gráfico 1, que a escola Darwin apresenta a variação mais expressiva em relação ao Brasil, ao município onde se localiza (João de Deus) e às escolas de seu entorno, tendo em 2007 uma melhora de, aproximadamente, 95% em relação aos seus próprios índices de 2005. No entanto, não se pode deixar de salientar, que toda rede municipal João de Deus apresentou melhorias nos índices, principalmente em relação aos avanços do Brasil, no mesmo período. Tais constatações me levaram a dois questionamentos: primeiro, será que a rede municipal desenvolveu medidas para melhorar a qualidade da educação no município, uma vez que todo rede demonstrou avanços? E, como os baixos índices de 2005 impactaram os atores da escola Darwin, que apresentou o segundo menor Ideb do município¹⁸?

Entretanto, antes de buscar estas respostas, apresento mais alguns dados estatísticos comparativos entre a escola Darwin e o seu entorno. Como definido, no início deste capítulo, os dados do Ideb são construídos utilizando-se de dois conjuntos de indicadores: o fluxo escolar e o desempenho dos alunos. Portanto, é possível analisar como estes indicadores evoluíram, separadamente, tomando os dados das planilhas do Ideb 2005 e 2007 do segundo segmento do Ensino Fundamental. Isto nos permite analisar se as mudanças nos resultados da escola Darwin se deram pela melhora de um dos indicadores ou de ambos.

¹⁸ O município João de Deus apresentou o menor índice do Ideb- 2005 de todo estado no qual está inserido.

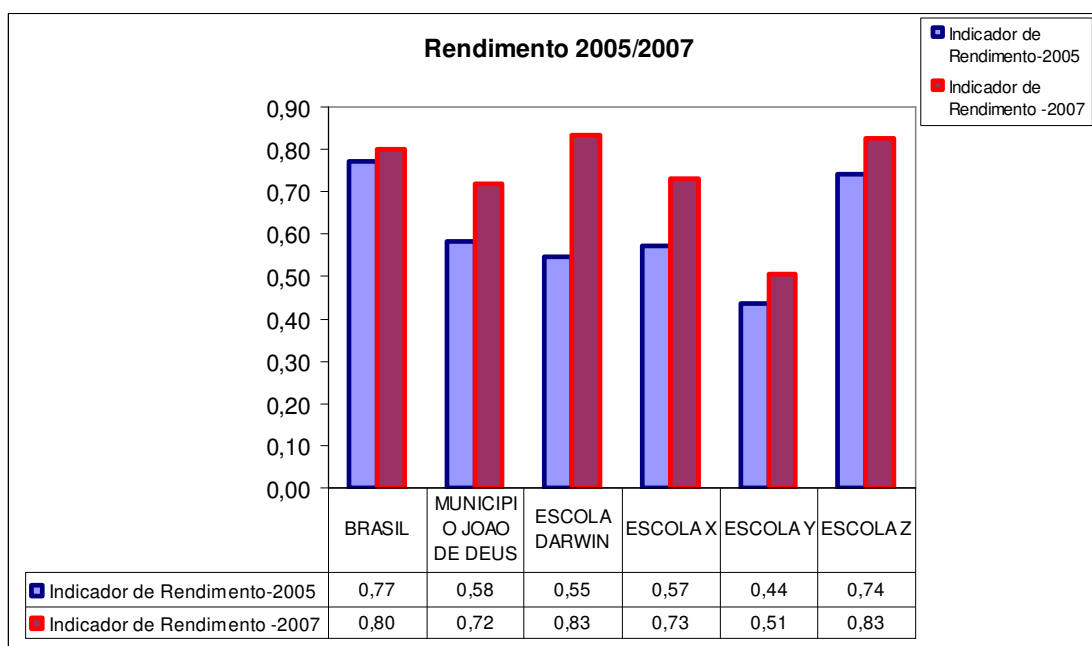


Gráfico 2: Índices de rendimento dos alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental (IDEB, 2007).

O gráfico 2 referente ao rendimento, calculado pela taxa de aprovação dos alunos, mostra forte variação na escola Darwin, que avança de 0,55 para 0,83. Mesmo que, a escola Z tenha alcançado o mesmo índice em 2007, 0,83, o diferencial em Darwin, é o percentual de recuperação entre os anos de 2005-2007.

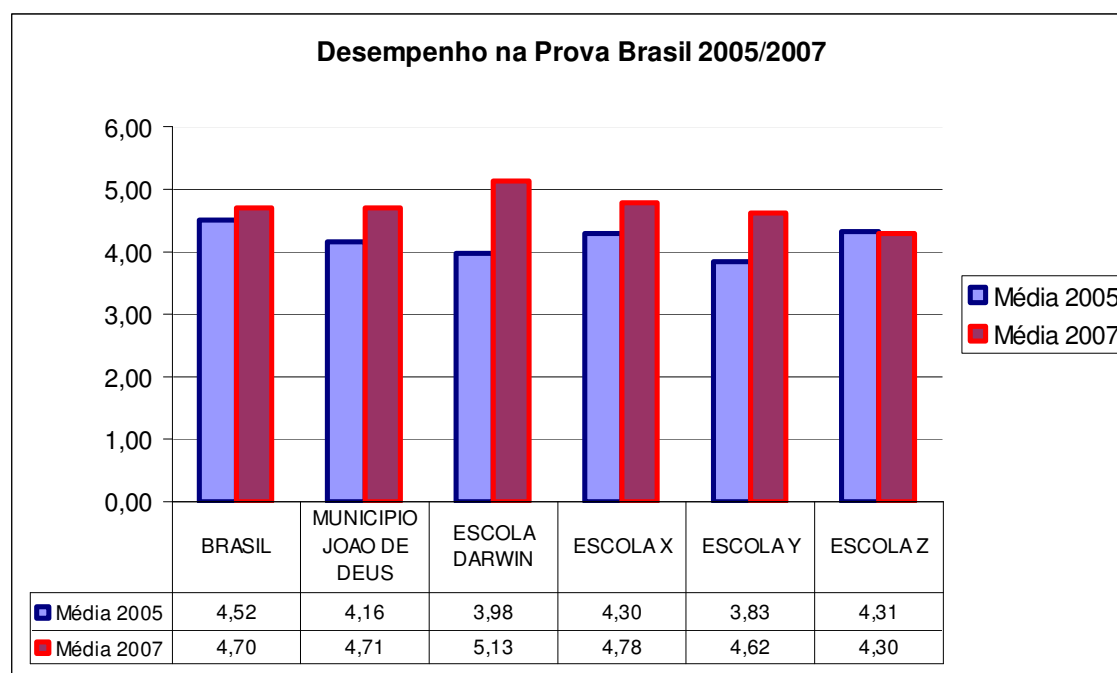


Gráfico 3: Índices de desempenho dos alunos na prova Brasil do segundo segmento do Ensino Fundamental. (IDEB, 2007)

O gráfico 3 refere-se ao grau de desempenho dos alunos da 8^a série, na Prova Brasil de Matemática e Língua Portuguesa, na qual a escola Darwin tem a maior variação, além do maior índice final, 5,13. Diferentemente, a escola Z que avançou positivamente no rendimento, manteve, praticamente, o mesmo índice de desempenho entre os anos de 2005-2007.

Portanto, a expressiva melhora nos resultados da escola Darwin, não se deve, apenas, a um dos fatores medidos pelo Ideb, mas a ambos. Os dados mostram que a escola avançou tanto no desempenho cognitivo de seus alunos quanto no índice de aprovação. Isso nos chama atenção para algo muito particular que deve estar acontecendo nesta escola, e que me convidou a investigá-la. Comparando os dados estatísticos dos resultados do Ideb desta escola com o de mais três escolas municipais próximas, cujos seus alunos devem apresentar condições socioeconômicas semelhantes, se supõem que tais evidências de melhora nos resultados devem estar dentro da escola Darwin, uma vez que nenhuma outra escola da região mostrou tais variações. Além disso, todas são escolas municipais gerenciadas pela mesma secretaria municipal e recebem os mesmos recursos financeiros.

Como define Mortimore (1991 *apud* Sammons, 1999)

“Uma escola eficaz é aquela onde os alunos progridem mais do que se poderia esperar, dadas as suas características ao serem admitidos. Uma escola eficaz, conseqüentemente, acrescentaria valor adicional aos resultados de seus alunos, em comparação com outras escolas com alunados semelhantes.”

Buscando apoio na literatura, os estudos de Reynolds e Teddlie (2000) concluem que as escolas com níveis socioeconômicos semelhantes e que recebem os mesmos recursos podem gerar ambientes escolares muito diferentes. Assim, a escola eficaz pode contribuir para diminuir o impacto do nível socioeconômico. Diferentemente dos primeiros estudos sobre escola (Coleman, 1966) que mostravam que os fatores extraescolares explicavam mais as diferenças de desempenho entre os alunos do que os fatores intraescolares, levantando a idéia de que as escolas teriam pouco impacto no desempenho dos alunos.

Porém, mesmo adotando os princípios dos estudos sobre eficácia de ensino, nos quais *a escola pode fazer a diferença*, tenho o cuidado de não apresentá-la como a grande salvadora da sociedade, capaz de combater sozinha a desigualdade social e isolar os impactos das condições socioeconômicas e culturais dos alunos sobre sua aprendizagem. O que trago,

na verdade, são evidências da necessidade de se estudar os fatores intraescolares como meio de contribuir para melhoria da qualidade do ensino.

Como afirmam pesquisadores das escolas eficazes:

“Admitir o poderoso impacto de fatores de admissão, entretanto, não significa que as escolas não exerçam nenhuma influência no resultado da educação dos alunos”. (Mortimore & Hillman, 1996)

Em relação a questão levantada sobre os avanços nos resultados da maioria das escolas do município João de Deus em relação ao Brasil, é possível perceber pelo depoimento dos membros da escola, que desde 2006, quando assumiu a nova secretária de educação do município João de Deus, se tem desenvolvido um bom trabalho na rede, priorizando a educação de qualidade, oferecendo mais recursos, abrindo espaço para atender as reivindicações das escolas e dos professores e criando espaços para formação continuada. Esta secretária, segundo professores, coordenação e direção, contribuiu para os melhores resultados da educação no município. As análises que se seguirão sobre os fatores intraescolares no cotidiano escolar contribuirão para se perceber, mais claramente, a influência da rede oficial do município sobre as escolas.

Ainda neste capítulo, dedicado à análise dos dados estatísticos, retomo as questões: Qual o ponto de vista dos atores da escola Darwin sobre estas estatísticas? Como os baixos índices do Ideb de 2005 impactaram os atores da escola Darwin?

Trago esta preocupação porque um dos problemas da divulgação destes resultados pela mídia está no mau uso que alguns governos fazem disto, às vezes de forma precipitada, com a necessidade de buscar culpados pelo insucesso da escola. Ao se estabelecer um ranking entre as escolas, entre os municípios e até entre os estados, pode ocorrer de apenas a escola e seus atores serem responsabilizados pelo fracasso imposto pelos resultados.

Alguns autores (Dourado, 2007b, Oliveira, 2005) alertam que não se pode permitir que a lógica gerencial, adotada no mercado empresarial com ênfase à racionalidade técnica e controle de produção seja incorporada nas escolas. Mesmo se evidenciando a necessidade de um maior controle organizacional das escolas e melhor distribuição/uso dos recursos, o processo precisa ser construído de forma democrática e participativa. A busca pela descentralização e autonomia para as escolas não pode ser sinônimo de desresponsabilização por parte dos governos sobre a qualidade do ensino. Esta

qualidade se dá por políticas que articulem gestão e organização escolar com formação inicial e continuada para os professores, reestruturação curricular e incentivo aos processos de participação.

A escola Darwin foi, fortemente, impactada por todo este processo de avaliação e divulgação dos resultados. Como conta a diretora geral Marta quando, em 2007, aconteceu a divulgação pela mídia sobre os baixos índices do Ideb:

“Foi horrível, o RJTV apareceu aqui! E você vê, nossa escola é arrumadinha, mas tinha uma sala que estava com um buraco na parede, e foi justamente aí que eles pegaram como se a escola estivesse toda quebrada, o que não era verdade. A secretaria de educação foi pressionada para dar entrevistas, os pais nos questionavam. Na verdade, ninguém entendia muito porque nossa escola tinha ficado com aquela nota”¹⁹.

A reportagem, citada pela referida diretora, apresentada na edição do RJTV, tem a seguinte frase de chamada:

“As escolas estaduais e municipais do Rio foram reprovadas segundo o novo Índice de desenvolvimento da Educação Básica do Ministério da Educação” (RJTV-1ª edição, dia 27 de abril de 2007).

O texto da reportagem afirma que a sala de aula da escola, com um dos índices mais baixos de 5ª a 8ª série, *“tem buracos na parede e o calor é desanimador”*, referindo-se a escola Darwin. O próprio representante da secretaria municipal de educação entrevistado, afirma se mostrar surpreso com os resultados, pois, estão investindo maciçamente em formação e projetos.

Além disso, a menção aos dados do Ideb esteve presente em vários momentos do cotidiano escolar:

“Nosso objetivo é trabalhar para melhorar os índices do IDEB”.(DIÁRIO DE CAMPO, DIA 24/06/2008

“Encontrei a escola Darwin em clima de euforia, a felicidade era geral com a melhoria dos índices do Ideb divulgados hoje. A diretora tinha as novas tabelas sobre a mesa e mostrava a todos que chegavam. Uma professora entra na sala dos professores e toda contente afirma: ‘Hoje, meu ego está lá em cima’ (referindo-se aos resultados positivos da escola)”.(DIÁRIO DE CAMPO, DIA 24/06/2008)

“No dia do conselho de classe, estão presentes professores representantes da secretaria municipal e começam suas falas parabenizando pelo Ideb e agradecendo o empenho de todos”. (DIÁRIO DE CAMPO, DIA 15/07/2008)

¹⁹ Apesar do Ideb ser referente ao ano de 2005, sua divulgação só aconteceu em 2007, quando a escola já se encontrava em processo de mudança.

Esta semana aconteceu visita surpresa da secretaria de educação para parabenizar pelos índices do Ideb. (DIÁRIO DE CAMPO, DIA 15/07/2008)

Tais observações mostram que a escola e seus atores não estão alheios a implantação das políticas. Além disso, algumas destas políticas acabam por exercer uma influência positiva sobre a equipe, pois como afirma a coordenadora Talita:

“ os baixos índices serviram como incentivo para se buscar alternativas para escola. A escola mudou, em 2005 aconteceu a Prova Brasil, na qual a escola não obteve um bom desempenho, por falta de preparação dos alunos, por falta de preparação dos professores que não separaram os alunos que iam fazer prova e a própria gestão, que na época não se preocupavam em trabalhar e não deviam nem saber a importância que a prova tinha. Desta vez não, teve orientação, se preparou, reuniu os professores, buscou o compromisso de todos.”

Constata-se que o impacto dos baixos resultados levou a escola a buscar estratégias para superá-los, principalmente porque a escola já tinha uma história de sucesso na comunidade. O compromisso de todos pela recuperação da escola foi um dos fatores mais marcantes. Outro ponto favorável, é que a maioria dos membros da atores da escola Darwin não se opõem as estatísticas, negando sua validade. Segundo eles, os índices mostravam o estado de precariedade em que a escola se encontrava na época de 2005, o que poderá ser esclarecido ao longo desta dissertação.

Uma estratégia encontrada pela escola para melhorar os índices foi concentrar-se na preparação dos alunos para fazer a prova Brasil. Como afirma a coordenadora Talita, “para todo processo de intervenção no cotidiano escolar deve haver uma preparação”. Assim, segundo o depoimento de professores, alunos e direção foi à realização de simulados com questões de Prova Brasil anteriores, aplicados aos alunos, um dos motivos da melhora do desempenho da escola no Ideb.

Num primeiro momento, refleti como esta preocupação com a melhora dos índices poderia estar impactando o currículo desta escola. Parecia-me que a escola estava conduzindo a sua estruturação curricular em função da avaliação da prova Brasil. Neste ponto, algumas críticas ao sistema de avaliação externa ganhariam força, além de, se perder todo processo de construção de autonomia das escolas, de debate da escola como organização social única capaz de produzir cultura, voltando a ser mero instrumento transmissor e reproduzidor de modelos pré-determinados.

Porém, o cotidiano da escola Darwin e a percepção do ponto de vista de seus atores reverteram estas primeiras impressões. Os simulados desempenharam, apenas, um papel motivador para alunos e professores, gerando o aumento das expectativas positivas destes sobre a aprendizagem e servindo como instrumentos de preparação e planejamento.

Outro questionamento, que levantei sobre a adoção de uma medida de rendimento (taxa de aprovação) como parâmetro para se avaliar a eficácia escolar, diz respeito à subjetividade do processo de avaliação de uma escola, que podem gerar possíveis incorreções nos resultados. Pois, como um dos dados utilizados para os cálculos do Ideb é a taxa de aprovação da escola, pode-se questionar como a escola define seus alunos aprovados. Estaria a escola se utilizando de uma política “facilitadora” para definir seus aprovados? Será que a escola aprovou indiscriminadamente? Adota-se a política de ciclos? Havia carência de professores e os alunos foram aprovados?

Primeiramente, a resposta para estas questões pode estar na própria recuperação dos resultados da escola. Pois, a escola Darwin não avançou, apenas, nas taxas de aprovação, mas, paralelamente, melhorou os resultados em relação ao desempenho cognitivo dos alunos. Além disso, se a escola tivesse carência de professor e isso favorecesse a aprovação dos alunos, não justificaria a melhora no desempenho.

Segundo, analisei as atas de resultados finais da escola dos anos de 2005, 2006 e 2007 e construí quadro comparativo²⁰ com as taxas de aprovação, reprovação, evasão e número de alunos em turma. O objetivo era comparar os dados com as estatísticas do Ideb. Constatei que, nos anos de 2006 e 2007, a taxa de aprovação apresentou expressiva melhora, além de significativa diminuição dos alunos em turma.

Terceiro, acompanhei algumas situações da escola, a fim de levantar dados que contribuíssem para estas respostas. Observei os conselhos de classes, principalmente o do 4º bimestre, chamado conselho de promoção, para identificar os critérios subjetivos do processo avaliativo da escola Darwin e de seus professores. Constatei que era a equipe gestora, na figura do diretor geral, adjunto e coordenador geral, que conduzia estes momentos, direcionando as reflexões junto aos professores, sobre cada aluno. Em nenhum momento, as preocupações com as estatísticas, indicadores do Ideb ou avaliações externas foram colocadas como critério para favorecer a aprovação dos alunos. Por outro

²⁰ segue modelo em I anexo

lado, percebia-se a complexidade do processo de avaliação adotado para análise de cada aluno. Eram debatidos critérios baseados na aprendizagem integral do aluno, envolvendo aspectos cognitivos, afetivos e sociais.

Para ampliar este debate sobre avaliação, os atores da escola investigada: professores, alunos, diretores, coordenadores e funcionários, foram questionados sobre o que seria um aluno de bom desempenho. As respostas expressam forte tendência de relacioná-lo com a idéia de bom comportamento, participação e interesse. Isto nos leva a um padrão altamente social, em relação ao papel da escola. Poucos relacionaram bom desempenho ao desenvolvimento cognitivo do aluno e assimilação de conhecimento.

Alguns professores disseram que aluno de bom desempenho:

“É o aluno que realiza tarefas, segue as normas disciplinares, é questionador”.

“É o aluno comprometido com as atividades propostas”.

“É aquele que participa com interesse e vontade de aprender independente de nota”.

“É aquele que tem participação ativa, interesse, respeito e pontualidade”.

No entanto, a professora Carla, já procurou trazer a questão do conhecimento em sua definição:

“Aluno de bom desempenho é aquele que alcança os objetivos propostos e consegue adquirir capacidades que não tinha antes.”

É evidente, que a questão da indisciplina nas salas de aula tem marcado fortemente o trabalho docente, sendo colocado durante esta pesquisa como uma das principais dificuldades dos professores. Assim, pode-se dizer que quando os professores relacionam aluno de bom desempenho ao bom comportamento e interesse, estes estão associando com as condições necessárias para a aprendizagem.

Outro fator que justificam as associações feitas sobre o que seja um aluno de bom desempenho, pode estar na busca por inovações que tem marcado fortemente as práticas pedagógicas. A entrada na escola de diferentes pedagogias “alegres”²¹, de forma acrítica ou a falha na implantação de políticas

²¹ São novas abordagens pedagógicas, amplamente divulgadas pela mídia ou empresas, como fórmula de sucesso, sem, no entanto, terem rigor metodológico ou dados comprobatórios de pesquisas sobre sua eficácia. (Morgenstern, Sara. conferência de abertura do REDESTRADO, 2008)

construtivistas²², contribuíram para desconstituir a idéia da escola como local de aquisição de conhecimento. Dando a ilusão de que basta o aluno ser participativo e interessado para que o conhecimento já esteja garantido, comprometendo até mesmo o processo de avaliação destes alunos. A transmissão dos conteúdos é apresentada e criticada como uma prática tradicional e conservadora. Na verdade, a desigualdade social só aumenta quando os governos buscam mascarar os resultados do fracasso escolar com políticas de aprovação automática, turmas de aceleração e ensino supletivo.

Porém, dificilmente a avaliação perderá sua subjetividade, pois o próprio processo educativo é subjetivo. Como diz Tardif (2002):

“Em algumas atividades humanas, e é o caso do ensino, é difícil, senão impossível, especificar claramente se o produto do trabalho foi realizado”.

A própria prática educativa se encontra em constante conflito entre a subjetividade e objetividade (Tardif, 2002). Por um lado o conhecimento objetivo transmitido, baseado na ação técnica e instrumental, e por outro um conjunto de normas e valores, baseados na subjetividade dos atores e dos interesses que defendem. É isso que garante a complexidade de todo processo educativo, no qual somente a análise contextualizada pode dar conta de decifrar algumas incógnitas do cotidiano escolar.

Com isso, quero problematizar, tanto as críticas quanto os pensamentos, a favor das políticas de avaliação dos resultados do trabalho escolar. Fica evidente que o produto do ensino é dificilmente mensurável e avaliável, pois diz respeito a atributos humanos e sociais. Porém, nem por conta disso os professores deixam de avaliar os seus alunos e de conferir-lhes a aprovação ou reprovação. A avaliação é utilizada como instrumento a serviço da aprendizagem e não da seleção. Ela regula a prática educativa na sala de aula gerando intervenção diferenciada. Assim, também, devem ser tomados os resultados das avaliações externas, como uma necessidade de se entender o sistema de ensino e contribuir para implantação de políticas que visem sua qualidade e por fim, melhor formação de cidadãos. Toda avaliação deve ser instrumento pedagógico de luta contra o fracasso e as desigualdades (Tardif, 2002).

Concluo a primeira parte desta dissertação, na qual pretendi identificar o contexto em que se construiu o objeto de estudo desta pesquisa. Apresentei as

²² O construtivismo utilizado para justificar as aprovações automáticas e, conseqüentemente, melhoria do fluxo escolar.

principais concepções teóricas e os dados estatísticos que nortearão as análises do cotidiano escolar a seguir. Talvez quem leia estes capítulos até aqui, no meio de tabelas e gráficos, possa pensar que estou me contradizendo ao afirmar desde o início que buscava uma inspiração etnográfica para a pesquisa. Porém, entendo que é justamente o que estou tentando fazer, apresentando os dados estatísticos da escola e dialogando com os atores no seu cotidiano real. Proponho-me a buscar esta integração entre o qualitativo e o quantitativo, entre o macro e o micro, sem descartar suas interferências de um sobre o outro. Entremeando os dados quantitativos com o ponto de vista do nativo quero apreender as contribuições destes dois campos de investigação para refletir sobre a escola e a busca por qualidade.